

Conhecimento, opinião, estereótipo e o medo da alteridade

Alessandro de Oliveira dos Santos

Resumo: neste breve ensaio, apresento uma reflexão derivada das tensões colocadas pelo meu trabalho como docente em psicologia no campo da construção sociocultural das diferenças, numa tentativa de contribuir para o debate sobre a alteridade. São abordados os conceitos de conhecimento, opinião e estereótipo com vistas à produção de conhecimento no âmbito dos currículos e da formação dos(as) psicólogos(as), capazes de disparar a suspeita crítica em direção à superação da alienação, auxiliar na reflexividade acerca dos processos de socialização em contextos de dominação e desigualdade e desinstrumentalizar estereótipos.

Palavras-chave: conhecimento, opinião, estereótipo, alteridade.

“És alguém que olha? Ou estende a mão? Ou que desvia o olhar e se afasta?...” (NIETZSCHE, 1989[1888], p. 19).

Neste breve ensaio, apresento uma reflexão derivada das tensões colocadas pelo meu trabalho como docente em psicologia no campo da construção sociocultural das diferenças, numa tentativa de conhecer como lidamos com as diferenças (étnico-racial, corporal, cultural, social, entre outras) e de contribuir para o debate sobre o tema da alteridade no âmbito da formação dos(as) psicólogos(as).

O conhecimento deriva da relação do ser humano com os outros seres vivos e com os fenômenos que o cercam, possuindo, matricialmente, as funções de autoconservação e adaptação. Entretanto, conhecimento não significa uma relação imediata e harmoniosa entre o ser humano, os seres vivos e fenômenos. Pelo contrário, envolve tensão e luta. Conhecer o mundo é humanizar o mundo. É contra um mundo sem ordem, finalidade, que o conhecimento precisa lutar. É com esse mundo que o conhecimento se relaciona para permitir que o ser humano possa expressar seus universais (linguagem, valores) e se conduzir na vida (NIETZSCHE, 1983 [1881]).

O conhecimento é um esforço para resistir a uma visão simples e imediata dos seres e fenômenos com os quais o ser humano se relaciona. Quando esse esforço não existe ou fracassa, o ser humano permanece no nível da *doxa*, no nível de uma consciência ingênua, incapaz de atingir o *logos*, o conhecimento que conduz a verificação da verdade e a formação de uma consciência crítica (FREIRE, 1996).

A *doxa* ou consciência ingênua não se preocupa em conhecer pela causa os seres e fenômenos; contenta-se com a apreensão imediata deles, buscando conformá-los às suas experiências anteriores ou a informações já transmitidas sobre eles. Na consciência ingênua, não existe conhecimento, apenas opinião enquanto expressão de uma consciência tida como válida, mas que não busca a verdade. A pessoa vive na “opacidade das certezas”, incorporando apenas o que lhe é semelhante (BOSI, 2004, p. 115).

As motivações por detrás da opinião – aceitação e segurança – são diferentes das motivações por detrás do conhecimento – busca da verdade, esforço em resistir a qualquer sugestão. Destarte, a complexidade das relações entre o ser humano e os seres vivos e fenômenos que o cercam exige uma simplificação. Essa é uma etapa na direção do conhecimento. Mas existe um perigo em permanecer nesse plano, o perigo de adotar, sem crítica, as normas e valores estabelecidos por um grupo particular que foi associado, em algum momento, ao pensamento ordenador e que impõe seu sistema de interpretação de mundo, ou seja, sua cultura, como verdade universal.

Faz-se necessário refletir sobre essa tendência humana de formar noções simplificadas, a partir das quais o ser humano se relaciona com os seres vivos e fenômenos que o cercam. Pois quando a consciência permanece no nível do estereótipo, ocorre uma interceptação da informação ou da experiência que forja uma percepção incompleta ou falsa da realidade e do outro e impede a construção de uma consciência crítica (BOSI, 2004).

O estereótipo não se baseia em um conhecimento enraizado na experiência; seus componentes centrais são a falta de atenção e a ignorância. Ele consiste na generalização e atribuição de valor a características de um grupo, sendo um produto da cultura cujas funções são: auxiliar na pré-categorização da realidade, impedir a identificação e evitar a reflexão (CROCHIK, 1995). Por ser um julgamento anterior a uma experiência pessoal, o estereótipo produz a deformação da imagem e do sistema de interpretação de mundo do outro, envolvendo distorção e empobrecimento da realidade.

Por meio do estereótipo, constituem-se barreiras atitudinais que se concretizam em ações discriminatórias. Isso porque, quando as atitudes são formadas de modo automático e irrefletido, as opiniões tendem ao estereótipo (AMARAL, 1995; BOSI, 2004). Trata-se, portanto, de uma construção psicológica defensiva

para lidar com o outro diferente, que, em geral, é reduzido à condição de inferior ou visto em situação de desvantagem, delimitando-se, assim, seu lugar na sociedade, enquanto lugar de poder, de oportunidades.

Não há espaço para surpresas ou desafios quando os estereótipos triunfam como categoria de interpretação da realidade e do outro (AMARAL, 1995). Ocorre uma redução da percepção. Ela se torna unidimensional e o ser humano passa a lidar com o outro por meio das mediações que lhe são impostas. Existe um medo de afrontar o pensamento ordenador e seus valores estabelecidos que impede a construção de novas significações sobre formas diferentes de ser, existir e pensar.

Opinião e estereótipo têm como origem o medo do conhecimento e o medo da alteridade. A função de ambos é o empobrecimento da verdade e a dominação. Eles distorcem, ocultam, reduzem a uma única dimensão a percepção da realidade social e do outro, servindo, assim, à dominação, ou seja, à hegemonia de um sistema de interpretação de mundo que impõe uma única ética, lógica, estética, espiritualidade como fundamento da relação do ser humano com a natureza e os outros seres vivos.

O desrespeito à diversidade das formas de ser, existir e pensar, a imposição de um único modelo, considerado verdadeiro e ideal, só faz sentido em uma sociedade hierarquizada e extratificada, e são o sintoma do rebaixamento político geral dos indivíduos que a compõem. Na base da dominação está o rebaixamento político, a impossibilidade dos grupos subordinados de participar da vida social como sujeitos históricos e de desejo e de influenciarem na construção de regras de convivência e na construção do futuro (GONÇALVES FILHO, 2004).

Desde o início da vida, o ser humano precisa lidar com a alteridade, com a presença de um outro, diferente, que funda o reconhecimento de si mesmo. Ora, quando o encontro com esse outro ocorre numa situação de subordinação, construções defensivas como o estereótipo entram em cena para facilitar a opressão e justificar a imposição de sistemas de interpretação de mundo. O encontro com o diferente revela a incerteza do eu e do mundo construído. Ao produzir estranhamento, o outro ameaça (FREUD 1976 [1919]).

A dimensão política do medo da alteridade revela-se no etnocentrismo, a dimensão psicológica nos processos de projeção e sombra. A alteridade mostra que a diferença, ao mesmo tempo em que constitui a base da vida social, é a fonte permanente dos conflitos (VELHO, 1974). Por isso, não adianta incorporarmos a diferença (étnico-racial, de gênero, de orientação sexual, associada à deficiência) nos âmbitos da teoria e do discurso, se na prática não nos encontramos politicamente como iguais. No igual direito de falar, tomar iniciativa, construir regras de convivência e projetos de felicidade.

Minha experiência como docente em psicologia tem mostrado que a opinião, o estereótipo e o medo da alteridade estão presentes na atuação dos(as)

psicólogos(as) ao lidarem com as diferenças, visto que elas refletem e expressam a manutenção de relações historicamente desiguais, como as relações norte x sul, capital x trabalho, campo x cidade, eficiência x deficiência e as relações interculturais, de gênero e étnico-raciais. O que coloca a necessidade de produzirmos um conhecimento, no âmbito dos currículos e da formação dos(as) psicólogos(as), capaz de: disparar a suspeita crítica em direção à superação da alienação e das opiniões facilmente capturadas pelo estereótipo; auxiliar na reflexividade acerca dos processos de socialização em contextos de dominação e desigualdade; e ajudar na desinstrumentalização dos estereótipos, mostrando como se formam, operam e, principalmente, a quem servem.

Referências

- AMARAL, L. *Conhecendo a deficiência (em companhia de Hércules)*. São Paulo, Robe, 1995.
- BOSI, E. Entre a opinião e o estereótipo. In: *O tempo vivo da Memória*. São Paulo: Ateliê, 2004. p. 113-126.
- CROCHICK, J. L. *Preconceito, indivíduo e cultura*. São Paulo: Robe, 1995.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREUD, S. (1919). *O estranho*. Tradução sob a direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Edição *standard* brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 17).
- GONÇALVES FILHO, J. M. Subjetividade, humilhação social e sofrimento. In: SILVA, M. V. (Org.). *Psicologia e direitos humanos – Subjetividade e exclusão*. São Paulo: Conselho Federal de Psicologia, Casa do Psicólogo, 2004. p. 123-135.
- NIETZSCHE, F. (1881). *Aurora*. Porto: Res Editora, 1983.
- _____. (1888). *Crepúsculo dos Ídolos*. Lisboa: Edições 70, 1989.
- VELHO, G. *Desvio e divergência: uma crítica da patologia social*. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1974.